

## SINAIS DOS TEMPOS: OUVIR CONTINUAMENTE, À LUZ DO ESPÍRITO, A VOZ DE DEUS

Cirineu Bonini da Luz\*

**Resumo:** A categoria teológica dos sinais dos tempos é uma das formas pelas quais Deus fala em nosso tempo. Pedindo à Igreja discernimento para compreender estes sinais nas mudanças da sociedade moderna, o Papa João XXIII o fez à luz do ensinamento de Jesus (Mt 16,3). Esta leitura da realidade, referente sobretudo às questões sociais, ajudaria a Igreja em um protagonismo na nova fase da humanidade, após as Guerras Mundiais. Tal escuta torna-se, pois, o exercício de um itinerário comunitário de *aggiornamento*, à luz do Espírito Santo, nas diferentes épocas e circunstâncias históricas. Assim, a Igreja apresenta uma palavra de esperança e de fé, brotadas da missão recebida de Jesus Cristo.

**Palavras-chave:** Sinais do tempos. João XXIII. Concílio Vaticano II. *Aggiornamento*.

## SIGNS OF THE TIMES: CONTINUALLY HEARING, IN THE LIGHT OF THE SPIRIT, THE VOICE OF GOD

**Abstract:** The theological category of “the signs of the times” is one of the ways that God says in the current time. Pope John XXIII requested to the Church discernment for understanding that signs in modern society change. He made it according to Jesus’ teachings (Mt 16,3). This reading of the current times could help the Church as a protagonist in the modern society after the Word Wars mainly related to the social issues. This discernment becomes an *aggiornamento* in light of the Holy Spirit in the different ages and circumstantial evidence. Therefore, the Church shows a faith and courage quote following the Jesus Christ’s teachings.

**Keywords:** The signs of the times. John XXIII. Second Vatican Council. *Aggiornamento*.

---

\* O autor é bacharel em Teologia pela Faculdade Palotina – FAPAS.

## Introdução

A categoria teológica dos sinais dos tempos surgiu com a Constituição Apostólica *Humanae Salutis* (HS), de convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II. Imbuído de muita esperança<sup>1</sup> o Papa João XXIII convidou a Igreja a deixar-se interpelar pela recomendação de Jesus de distinguir os “sinais dos tempos” (Mt 16,3). De mera espectadora, devia a Igreja recuperar a vitalidade evangélica, abrir-se a um novo Pentecostes, para oferecer à humanidade a sempre renovada Boa-Nova de Jesus Cristo. Elencados na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), os sinais dos tempos (ST) apresentam a perspectiva da necessidade de a Igreja conhecer a realidade da condição do ser humano no mundo de hoje para poder evangelizar. Esta categoria se tornou paradigma permanente para a missão da Igreja. Hoje, percebemos na reflexão posta em ação pelo Sínodo sobre a sinodalidade.

### 1 A Constituição Apostólica *Humanae Salutis*

Através da Constituição Apostólica *Humanae Salutis* (25/01/1961), o Papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II<sup>2</sup>, fazendo conhecer pela primeira vez a expressão ST<sup>3</sup> - a qual se tornou uma categoria teológica marcante em seu pontificado. Expressou o Papa: “apropriando-nos da recomendação de Jesus, de

---

<sup>1</sup> Contrário aos profetas da desgraça: “Atitude de que gostam tanto os que erigem a si mesmos em salvadores dos males da época” (GUTIÉRREZ; MÜLLER, 2014, p. 63). “Lamentam o passado e veem o presente com uma luz completamente negativa” (MARTINA, 1997, p. 293).

<sup>2</sup> A partir de agora, Concílio.

<sup>3</sup> Após, esta categoria teológica foi utilizada pelo mesmo Pontífice na Encíclica *Pacem in Terris* (1963), e pelo Papa Paulo VI na Encíclica *Ecclesiam Suam* (1964). Se tornou referência na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965).

saber distinguir ‘os sinais do tempos’ (Mt 16,3), pareceu-nos vislumbrar, no meio de tanta treva, não poucos indícios que dão sólida esperança de tempos melhores para a Igreja e a humanidade” (HS, n. 4). Este seu anseio foi pouco a pouco delineando os trabalhos para que, por meio da realização do Concílio, acontecesse um novo Pentecostes na Igreja.

O Cardeal que seria um Papa de transição, surpreendeu a todos. Em menos de noventa dias de Pontificado, reunido em Consistório na Basílica de São Paulo fora dos muros, João XXIII convocou três eventos: “um Sínodo diocesano para a cidade de Roma e um Concílio geral para a Igreja universal [...] conduzirão felizmente ao desejado e esperado *aggiornamento* do Código de Direito Canônico” (JOÃO XXIII apud ALBERIGO, 1996, p. 21). Preferido ao Cardeal Agagianin no Conclave, o novo Papa surpreendeu até os mais entusiastas de uma atualização<sup>4</sup> (*aggiornamento*) e de uma refontização<sup>5</sup> (*ressourcement*) da Igreja. Ao convocar o Concílio, deu grande amostra de sua compreensão da Igreja e do mundo. “Queria capacitar a Igreja a responder melhor às exigências do mundo de hoje” (LATOURELLE, 2017, p. 863). Buscou no Evangelho a fonte inspiradora para esta atualização, para assim a Igreja anunciá-lo ao mundo

---

<sup>4</sup> “Sob a preocupação pastoral do concílio, a sua sensibilidade que o Papa João XXIII chamou de ‘pastoralidade’ do concílio, se deram dois movimentos importantes: a atualização (*aggiornamento*, em italiano, cunhada pelo próprio Papa) e a refontização (*ressourcement*, em francês, vindo dos teólogos da *Nouvelle Théologie*). A renovação litúrgica é um bom exemplo de ambos os movimentos, mas a volta às fontes significou, sobretudo, a volta à Escritura, à Palavra de Deus como ‘alma’ da teologia, portanto, do pensamento que devia seguir a Igreja” (SUZIN, 2012, p. 36).

<sup>5</sup> Os movimentos de *renovação* bíblico-litúrgico-patristico promoviam estudos históricos em busca de um cristianismo original. O movimento litúrgico era o mais avançado, influenciando diretamente na aprovação do primeiro documento conciliar, a Constituição Pastoral *Sacrosanctum Concilium*. Fato marcante foi a restauração da Vigília Pascal por Pio XII em 1955. Destaque-se que diversos mosteiros auxiliaram no estudo e aprofundamento das questões litúrgicas. “Ofereceram as bases para a Igreja propor uma reforma litúrgica em profundidade e que precisava de tempo adequado para se consolidar” (VALENTINI, 2012, p. 28).

moderno de progresso material, mas em crise moral, e permeado de um ateísmo militante em nível mundial. Jesus deu sua Palavra que estaria com os seus em todos os momentos até o fim dos séculos (Mt 28,20). Por isso, a confiança de João XXIII em sinais de uma nova época contra toda a desesperança.

Apropriando-nos da recomendação de Jesus, de saber distinguir "os sinais do tempo" (Mt 16,3), pareceu-nos vislumbrar, no meio de tanta treva, não poucos indícios que dão sólida esperança de tempos melhores para a Igreja e a humanidade. Pois mesmo as guerras sangrentas que se seguiram em nossos tempos, as ruínas espirituais causadas por tantas ideologias e os frutos de experiências tão amargas, não se processaram sem deixar úteis ensinamentos. E o progresso científico, que deu ao homem a possibilidade de criar instrumentos catastróficos para a sua destruição, fez com que se levantassem interrogações angustiosas: obrigou os seres humanos a se tornarem mais ponderados, mais conscientes dos próprios limites, mais desejosos de paz, atentos à importância dos valores do espírito; acelerou o processo de mais estreita colaboração e mútua integração entre os indivíduos, classes e nações, à qual, embora entre mil incertezas, parece já encaminhada a família humana. Tudo isto facilita, sem dúvida, o apostolado da Igreja, pois muitos que ontem não percebiam a importância de sua missão, hoje, ensinados pela experiência, estão mais dispostos a acolher suas advertências (HS, n. 4).

Homem dotado de grande experiência, advinda da diplomacia em período de aproximadamente trinta anos, e do contato com culturas e realidades diversas, possuía o Papa um olhar aguçado. Assim se entende o recurso ao evangelho de Mateus. Jesus falou da capacidade e da necessidade em observar os sinais de transformação da realidade. João XXIII captou os muitos sinais de

mudança em curso: a aceleração do fim do colonialismo, a guerra fria entre o bloco soviético e o ocidental - guerra da Coreia, construção do muro de Berlim, crise dos mísseis -, a industrialização do norte do planeta, a diminuição da agricultura, a influência cada vez maior dos meios de comunicação.

O versículo que contempla a fala de Jesus sobre os sinais dos tempos faz parte de uma perícopes do evangelho de Mateus<sup>6</sup>, onde fariseus e saduceus pondo-lhe à prova, pedem um sinal do céu. Jesus lhes diz que não verão nenhum sinal a não ser o de Jonas. Se recusa a receber ordens e a fazer milagres por encomenda, e recorre aos fenômenos da natureza conhecidos para se fazer entender: “ao entardecer dizeis: Vai fazer bom tempo, porque o céu está avermelhado; e de manhã: Hoje teremos tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. O aspecto do céu, sabeis interpretar, mas os sinais dos tempos, não sois capazes!” (Mt 16,2-3)<sup>7</sup>. Jesus orienta seu discurso para ultrapassar o meramente aparente. Suas palavras mencionam um

---

<sup>6</sup> O evangelho de Mateus, conforme Brown (2019, p. 262) tem a seguinte estrutura: 1,1-2,23: introdução: origem e infância de Jesus, o Messias; 3,1-7,29: primeira parte: proclamação do reino; 8,1-10,42: segunda parte: ministério e missão na Galileia; 11,1-13,52: terceira parte: questionamento e oposição a Jesus; 13,53-18,35: quarta parte: cristologia e eclesiologia; 19,1-25-46: quinta parte: viagem e ministério em Jerusalém; 26,1-28,20: clímax: paixão, morte e ressurreição.

<sup>7</sup> Mt 16,1-4: “Há também um paralelo interno em Mt 12,38-39. Do ponto de vista crítico-textual, os vv. 2-3 são incertos. Somente o primeiro e o último versículos paralelizam Mc 8,11-12. Mateus parece juntar fontes nesse trecho. Estes são ditos de advertência ou de ameaça. 1. *fariseus e saduceus*: Esta é uma combinação estranha de dois partidos hostis que se encontram nas fontes de Mateus. Os saduceus tinham deixado de existir na época de Mateus. Juntos, os dois nomes de partido simbolizam a liderança dos judeus em oposição a Jesus [...]; cf. 1Cor 1,22, ‘os judeus exigem um sinal’. 2. *bom tempo*: O discernimento agrário sobre o tempo deveria acarretar ou ser um modelo para o discernimento sobre a ação de Deus na história em seu agente Jesus, mas isto não ocorre com frequência. 3. *os sinais dos tempos*: Deus dá indicações de sua vontade em cada época, mas os crentes devem estar atentos a elas. O dito é um convite à hermenêutica da história, e como tal, um desafio permanente à Igreja. 4. *o sinal de Jonas*: uma referência de Mateus (a 12,39) acrescentada à fonte de Marcos; o sinal é provavelmente o ministério de Jesus” (VIVIANO, 2018, p. 187).

acontecimento natural, algo que todo palestinese é capaz de entender, mas com vistas ao grande sinal de Deus diante deles. Assim, “dos ‘sinais dos céus’ (meteorológicos) Jesus passa aos ‘sinais dos tempos’ (escatológicos e messiânicos). Esse é um recurso pedagógico frequentemente utilizado por Jesus. Primeiro, ele faz apelo à experiência dos ouvintes para, depois, confrontá-los à sua palavra” (BOFF, 1979, p. 25).

A pregação, os milagres, o ministério de Jesus, deviam levar a um mesmo caminho: o grande sinal do tempo é Ele mesmo. O Papa baseado nessa passagem, convidava a Igreja a capacitar-se a discernir os sinais dos tempos nos acontecimentos<sup>8</sup> “através dos quais Deus fala” (DOMEZI, 2014, p. 23). Despertava a Igreja sobretudo em relação aos problemas sociais e para a necessidade da atenção ao devir histórico e, mais amplamente, no mundo em que se vive a fé. Na Encíclica *Mater et Magistra* (MM), já havia interpretado a realidade histórica e as questões emergentes do mundo como lugar teológico, por meio do método ver-julgar-agir (MM, n. 232). Pois este

é o método do *aggiornamento*, das portas abertas, do serviço à humanidade, do ir ao encontro. Os ST são a síntese desse método, que exige um olhar histórico atento (ver), crítico (julgar) e pastoral (agir), que permitiu ao Vaticano II colocar a igreja nos trilhos da história, das sociedades e das culturas. *Aggiornamento* e ST são como gêmeos. O *aggiornamento* é a práxis apontada pelos ST (SUESS, 2015, p. 897).

---

<sup>8</sup> “Os ‘sinais dos tempos’ apresentam-se como uma categoria teológica, e precisamente, como a categoria que permite pensar, pela utilização da noção de sinal, a unidade teológica da história como uma sucessão de eventos.” (VAZ, 1972, p. 102). Relembre-se a primeira seção conciliar em Jerusalém, momento no qual a Igreja nascente se depara com questões pastorais, e busca caminhar sob inspiração do Espírito Santo. “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor nenhum peso [...]: que vos abstenhais das carnes imoladas aos ídolos, do sangue, das carnes sufocadas e das uniões ilegítimas” (At 15,28-29).

A sociedade adquirira novas configurações e a seu ver, a Igreja não podia ficar alheia aos grandes sinais em curso. Precisava entendê-los para ajudar a humanidade nesse processo de transição, pois é ela também participante do destino comum da humanidade. A intuição de Jesus citada pelo Papa foi um elemento basilar das reflexões conciliares<sup>9</sup>. A categoria dos ST passou a ser o modo como a Igreja procura responder de maneira adaptada “a cada geração às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura” (GS, n. 4), num processo de inculturação da fé.

## 2 Os sinais dos tempos na *Gaudium et Spes*

A categoria teológica dos ST<sup>10</sup> está contemplada na Constituição Pastoral GS<sup>11</sup>: sobre a Igreja no mundo de hoje. Dividida em duas partes - doutrinal e

---

<sup>9</sup> Duas passagens fundamentais sobre os ST: “Perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas. É necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole frequentemente dramática” (GS, n. 4); “o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus” (GS, n. 11). Conforme Suess, “no decorrer do tempo - um processo que começou durante o próprio Concílio – os sinais dos tempos perdem seu significado bíblico radical que separa dois tempos incompatíveis, o tempo cronológico do templo e o tempo *kairótico* do reino anunciado por Messias-Jesus. [...] O significado dos ST desloca-se do significado da ‘ruptura’ com a cristandade para o significado do ‘evento marcante’ na modernidade” (SUESS, 2015, p. 898-899).

<sup>10</sup> Esta categoria teológica também se faz presente nos Decretos *Presbyterorum Ordinis* 9,2 (sacerdotes junto aos leigos verificarem os sinais); *Unitatis Redintegratio* 4,1 (reconhecer no trabalho ecumênico um dos sinais); *Apostolicam Actuositatem* 14,3 (a solidariedade entre os povos como um dos mais notáveis sinais da época).

<sup>11</sup> Documento fruto de um longo caminho. De uma postura de condenação, a GS passa a dialogar (preocupação dialógica); coloca o homem no centro de sua atenção (preocupação antropológica); reconhece a centralidade da pessoa de Jesus Cristo (centralidade cristológica); apresenta intuições de uma nova eclesiologia e a universalidade de um único Povo de Deus (centralidade eclesiológica); compreende uma Igreja peregrina e por natureza missionária (preocupação missionária); orienta para a busca da justiça e da paz (centralidade profética); põe-se em continuidade com toda a

pastoral -, a Constituição complementa a orientação doutrinal da escuta da Palavra - Constituição dogmática *Dei Verbum* -, o que conduz à sua prática com sabedoria e discernimento. O pano de fundo é o reconhecimento e a autonomia das realidades temporais e a pluralidade das sociedades modernas, o que pode ser considerado uma aplicação do *aggiornamento* pedido por João XXIII.

A missão da Igreja é, pois, sinceramente colaborar com a humanidade “para o estabelecimento de uma fraternidade universal que corresponda a esta vocação” (GS, n. 3). Em perspectiva otimista - diferente de parte da teologia e da cultura católica das décadas precedentes -, entendendo Jesus Cristo como o caminho decisivo para entender o ser humano, sob a luz do Espírito Santo, a Igreja quer continuar a sua obra, pois o Senhor “veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido” (GS, n. 3). Tudo o que diz respeito ao ser humano, portanto, ressoa no coração da Igreja. Por isso, em seu itinerário há o imperativo sempre presente de:

perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas. É necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole frequentemente dramática (GS, n. 4).

---

ação social da Igreja a partir dos Papas Pio XII, João XXIII e Paulo VI. “A gênese da *Gaudium et Spes* vem de uma sugestão do Cardeal de Malines, na Bélgica, Leon Joseph Suenens. Conhecido como esquema XIII, o documento foi aprovado na última seção conciliar, no dia 6 de dezembro de 1965. Recebeu o nome de Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. No dia seguinte, 7 de dezembro, teve uma derradeira votação: 2309 votos favoráveis, 75 contrários e 7 nulos. O Papa o promulga juntamente com os Padres conciliares. É um longo documento, com 93 artigos” (LOPES, 2011, p. 12).



A Igreja necessita olhar e contemplar a realidade, uma vez que está no mundo, e nele desempenha a missão de salvar a humanidade “em Cristo como que sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG, n. 1). Assim, diante da condição humana no mundo: esperança e angústia (GS, n. 4), situações profundamente mudadas, passando-se de uma noção estática das coisas à uma concepção mais dinâmica e evolutiva (GS, n. 5), mudanças sociais, econômicas, psicológicas, morais, religiosas (GS, n. 6-7), os desequilíbrios do mundo moderno – moral, família, trabalho, nações (GS, n. 8), as aspirações e as interrogações mais profundas do gênero humano (GS, n. 9-10), a Igreja “esforça-se por discernir nos *acontecimentos*, nas *exigências* e nas *aspirações* de nossos tempos, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus” (GS, n. 11, grifo nosso).

Os *acontecimentos* são fatos dados e/ou imprevistos, os acontecimentos históricos. Diante deles, individuais ou coletivos, religiosos ou seculares, a fé toma forma. Surgem, deste modo, as *exigências*, as quais reivindicam energias consideráveis da fé. As *aspirações*, por sua vez, se manifestam a partir deste ou daquele acontecimento, e “ativam a orientação messiânica da humanidade, implicada no desígnio de Deus, muitas vezes inesperadas” (THEOBALD, 2012, p. 62). Após duas Guerras que ceifaram a história, a dignidade e a vida de milhões de seres humanos, a Igreja se coloca como guia e orientadora no discernimento dos valores ético-morais à luz da dignidade de todo ser humano, “imagem de Deus” (Gn 1,26) (GS, n. 12), dotado de inteligência, verdade, sabedoria, consciência moral, liberdade (GS, n. 12-17). A pessoa humana “é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais” (GS, n. 25), onde se deve promover o bem comum (GS, n. 26), se busque a igualdade entre os

homens e a justiça social (GS, n. 29), e se supere uma ética meramente individualista (GS, n. 30).

O exercício de discernimento daquilo que Deus quer falar por meio dos acontecimentos é permanente. A Palavra de Deus e a Tradição são os dois grandes canais de comunicação com a realidade, onde o Espírito Santo inspira a Igreja, pois

ela própria, com efeito, desde o início de sua história, aprendeu a exprimir a mensagem de Cristo através dos conceitos e linguagens dos diversos povos, e além disso, tentou ilustrá-la com a sabedoria dos filósofos, com o fim de adaptar o Evangelho, enquanto possível, à capacidade de todos e às exigências dos sábios. Esta maneira apropriada de proclamar a palavra revelada deve permanecer a lei de toda a evangelização. Deste modo estimula-se em todas as nações a possibilidade de exprimirem a seu modo a mensagem de Cristo e promove-se ao mesmo tempo um intercâmbio vivo entre a Igreja e as diversas culturas dos povos. Para aumentar este intercâmbio, sobretudo em nossos tempos, nos quais as coisas se mudam tão rapidamente e variam muito os modos de pensar, a Igreja precisa do auxílio, de modo peculiar, daqueles que, crentes ou não-crentes, vivendo no mundo, conhecem bem os vários sistemas e disciplinas e entendem a sua mentalidade profunda. *Compete a todo o Povo de Deus, principalmente aos pastores e teólogos, com o auxílio do Espírito Santo, auscultar, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da palavra divina, para que a Verdade revelada possa ser percebida sempre mais profundamente, melhor entendida e proposta de modo mais adequado* (GS, n. 44, grifo nosso).

Deus criou o mundo para ser o palco da vida e da realização do ser humano. Nele, “todas as coisas são dotadas de fundamento próprio, verdade,

bondade, leis e ordem específicas” (GS, n. 36), e é nesse sentido que o Espírito Santo guia a Igreja no caminho aberto por Jesus, o caminho do Reino de Deus, e a põe em diálogo com as realidades temporais.

### 3 A contínua leitura dos sinais dos tempos

Aproximar o Evangelho do mundo, “pôr em contato com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno” (HS, n. 3), escreveu João XXIII, apontando para a necessidade de um diálogo da Igreja/fé com o mundo/vida de sua época. Este anseio, continuado no Pontificado do Paulo VI, realizou também uma mudança no *modus operandi* católico desde os tempos do Concílio Vaticano I - pessimismo frente aos avanços tecnológicos, postura anti-modernista, teologia neoescolástica, liturgia barroca, entre outros -, por meio do *aggiornamento* e de uma refontização/volta às fontes bíblico-patristico-litúrgicas. Na abertura da Segunda Seção conciliar, Papa Paulo VI expressou que o olhar da Igreja para o mundo acontece “com profunda compreensão, com sincera admiração e com sincero propósito de não o conquistar, mas de o servir; não de o desprezar, mas de o valorizar; não de o condenar, mas de o confortar e salvar”<sup>12</sup>. Transcorrido mais de meio século do encerramento do Concílio e da consagração da categoria teológica dos ST, identificamos em que aspectos a Igreja os tomou como metodologia de planejamento e de ação pastoral.

Abrindo-se à história e nela reconhecendo a Revelação de Deus, a Igreja faz parte do mundo e existe para o mundo, para nele ser instrumento de salvação. Peregrina com toda a humanidade, o seu destino é o mesmo do

---

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19630929\\_concilio-vaticano-ii.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html). Acesso em: 18 ago. 2021.

gênero humano. Assim, desempenha sua missão como um ato de serviço, mas também um ato de conteúdo político<sup>13</sup>- presença social, papel histórico, testemunho público. A instância do Sínodo dos Bispos, criada quase ao término do Concílio, é exemplo da ampla discussão em forma colegiada, em “solicitude pela Igreja Universal” (CD, n. 5), tanto sobre questões internas - fé, sacerdócio, catequese, família, leigos, vida consagrada, bispos, evangelização, enculturação, secularização, Eucaristia, Palavra de Deus, jovens... - quanto externas - justiça, paz, liberdade, igualdade, fraternidade, migrações, ecologia... - à Igreja. Ocorre o constante *aggiornamento* da Igreja, o qual somado a forças de pessoas e de instituições de boa-vontade, busca uma vida mais digna e um mundo melhor, mais justo, fraterno e solidário.

As últimas reformas da Cúria Romana - 1967, 1988, 2022 -, estão cada vez mais a contemplar a Igreja que, ao realizar o exercício de volta às fontes, se entende como a comunidade dos batizados. Estes discernem sua vocação específica, que no conjunto das vocações, possuem radical igualdade e dignidade, diferindo apenas no ministério/missão assumido (LG, n. 10).

O Papa Francisco aponta duas sugestões para um contínuo discernimento dos ST: 1) Os fiéis que escutam a voz do Espírito, têm condições de “reconhecer comunitariamente os sinais dos tempos” (EG, n. 14); 2) Estes são também entendidos na realidade atual, quando se ouvem “os jovens e os idosos” (EG, n. 108).

---

<sup>13</sup> Mais em BOFF, 1979, p. 88s.

## Conclusão

A sociedade se tornou uma aldeia global, e a economia, a política, e até mesmo relações sociais são, em grande medida, pautadas por princípios neoliberais. Ao passo que a globalização e o neoliberalismo conduziram ao advento das tecnologias da informação, da comunicação, da produção, etc., aumentou a desigualdade social, a miséria, a fome. O Papa Francisco convida a Igreja e os cristãos a testemunharem Jesus Cristo em “um mundo que globalizou a indiferença” (EG, n. 54), à cultura do encontro, pois “pertencemos à mesma humanidade” (FT, n. 30). Afirma que os cristãos devem ser portadores da esperança, e que em meio a tantas adversidades, “Deus continua a espalhar sementes de bem na humanidade. A recente pandemia permitiu-nos recuperar e valorizar tantos companheiros e companheiras de viagem que, no medo, reagiram dando a própria vida [...]. Compreenderam que ninguém se salva sozinho” (FT, n. 54). Portanto, o fio dourado que deve constantemente orientar a leitura dos ST é o entendimento de que a dignidade humana é o baluarte, o caminho, a pérola preciosa para o constante *aggiornamento* da Igreja - tarefa confiada sobretudo aos pastores e teólogos, ouvindo com atenção os leigos, com o auxílio do Espírito Santo (GS, n. 44; PO, n. 9) -, em vista da vida e em abundância para todos (Jo 10,10). Assim, a Igreja tem a “agilidade sempre juvenil de sempre e em toda parte ‘tudo provar e de tomar para si o que é bom’ (1Ts 5,21)” (ES, n. 27).

## Referências

ALBERIGO, Giuseppe (Coord.). **O catolicismo rumo à nova era: o anúncio e a preparação do Vaticano II** (janeiro de 1959 a outubro de 1962). v. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BOFF, Clodovis. **Sinais dos tempos: princípios de leitura**. Loyola: São Paulo, 1979.

BROWN, Raymond. **Introdução ao novo testamento**. Paulinas: São Paulo, 2019.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965. *Christus Dominus*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984. p. 403-436.

\_\_\_\_\_. *Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984. p. 143-258.

\_\_\_\_\_. *Lumen Gentium*. In: Vier, Frederico. **Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 17. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1984. p. 39-113.

DOMEZI, Maria Cecilia. **O Concílio Vaticano II e os pobres**. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulus, 2020.

\_\_\_\_\_. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.

GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Ao lado dos pobres: teologia da libertação**. Tradução de Paulo Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

JOÃO XXIII, Papa. **Constituição Apostólica *Humanae Salutis***. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost\\_constitutions/1961/documents/hf\\_j-xxiii\\_apc\\_19611225\\_humanae-salutis.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html). Acesso em: 23 ago. 2021.

LATOURELLE, René. Vaticano II. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino (Org.). **Dicionário de teologia fundamental**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 860-867.

LOPES, Geraldo. ***Gaudium et Spes***: texto e comentário. Paulinas: São Paulo, 2011.

MARTINA, Giacomo. **História da igreja de Lutero a nossos dias**: a era contemporânea. v. 4. São Paulo: Loyola, 1997.

PAULO VI, Papa. **Discurso do Papa Paulo VI na solene inauguração da 2ª sessão do Concílio Vaticano II**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19630929\\_concilio-vaticano-ii.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html). Acesso em: 23 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Encíclica *Ecclesiam Suam***: sobre os caminhos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1989.

SUESS, Paulo. Sinais dos tempos. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2015. p. 895-901.

SUZIN, Luiz Carlos. A igreja e os 50 anos do Concílio Vaticano II. In: BRUSTOLIN, Leomar (Org.). **50 anos do Concílio Vaticano II**: recepção e interpretação. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

THEOBALD, Christoph. O Concílio Vaticano II: a aventura de um discernimento colegial dos "sinais dos tempos". **Concilium**. Petrópolis, RJ: Vozes, v. 346, n. 3, p. 58-66, 2012.

VALENTINI, Demétrio. A igreja e os 50 anos do Concílio Vaticano II. In: BRUSTOLIN, Leomar (Org.). **50 anos do Concílio Vaticano II**: recepção e interpretação. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

VAZ, Henrique C. de Lima. Sinais dos tempos: lugar teológico ou lugar comum? **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, v. 32, n. 125, p. 101-124, 1972.

VIVIANO, Benedict. O evangelho segundo Mateus. In: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland (Orgs.). **Novo comentário bíblico são Jerônimo**: novo testamento e artigos sistemáticos. Paulus: São Paulo, 2018.